O SISTEMA DE TRANSITIVIDADE E A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO

Minéias Alves Pinheiro de Araújo, (autor); Aldenice Souza de Araújo, (co-autor);
Dra. Maria do Rosário da Silva A. Barbosa, (co-autor).

Universidade de Pernambuco/UPE - Campus Mata Norte, mine.pinheiro2@gmail.com; Universidade de Pernambuco/ UPE – Campus Mata Norte, souzaaldenice@gmail.com; Universidade de Pernambuco/UPE – Campus Mata Norte, mariadorosariobarbosa@yahoo.com.br

Resumo: Atualmente as metodologias utilizadas para o ensino de língua portuguesa podem ser confrontadas de diversas formas: por um profissional que compreenda a língua aplicada no seu sistema usual ou por aquele que conserva uma prática tradicional. A proposta deste trabalho é desenvolver situações didáticas que envolvam o aluno e a língua portuguesa no mesmo contexto sociocultural. Para isso abordaremos algumas teorias da Linguística sistêmico-Funcional que privilegiam o estudo da língua em uso e a interação dos participantes no ato da comunicação tomando o texto como seu principal instrumento de estudo. O pressuposto teórico estará inserido nas pesquisas de Halliday (1985), Halliday e Mathiessem (2004) e outros que abordam a metafunção da linguagem experiencial. O objetivo desta análise é identificar processos que compõem o sistema e seus participantes, uma vez que é na oração que o verbo estabelece relação com estes e seus argumentos. Tais processos se organizam em ações que são realizadas em um determinado tempo e para que isso aconteça é necessário que a oração apresente pelo menos um participante no contexto para que a ação possa produzir significado. Este estudo será realizado com ênfase nos elementos que permitem identificar o verbo como ação e como responsável pelo trânsito dos sentidos em um texto. Tomamos como *corpus* alguns textos para analisar a ocorrência dos fenômenos do sistema de transitividade, sejam como processos comportamentais, materiais ou mentais para que a compreensão textual se torne mais fácil para os estudantes.
Palavras-chave: Linguística sistêmico-funcional, sistema de transitividade, compreensão textual.

Introdução

Para que se possa estudar a língua é necessário que se aproprie de seus recursos dentro do seu próprio uso. Para isto são disponibilizados vários cunhos teóricos, mas dentre estes, alguns preferem abordagens de ensino tradicionais por pensarem que a língua é formada apenas por um conjunto de regras e que basta memorizá-las para que a aprendizagem aconteça. Essas formas de abordagens podem funcionar ou não, por isso é importante que sejam repensados alguns métodos utilizados pelos profissionais de Língua Portuguesa em sala de aula.

A preocupação com uma aprendizagem mais eficiente se faz necessária e dessa forma esta pesquisa se voltou para a realização de uma situação didática e a aplicabilidade desta através da análise de textos que tomem a língua em seu uso. Esta preocupação condiz com os PCN (BRASIL, 1988, p. 36) quando afirmam que "As práticas de linguagem são uma totalidade; não podem, na escola, ser apresentadas de maneira fragmentada, sob pena de não se tornarem reconhecíveis e de terem sua aprendizagem inviabilizada.". Ensinar Língua Portuguesa dentro de tal perspectiva se faz

necessário para que os estudantes, no ato da comunicação, possam desenvolver suas habilidades e experiências, pois a língua deve ser ensinada em sua forma de interação.

Para que haja uma boa compreensão de um texto lido, é importante que o sujeito leitor possa identificar as ações praticadas por quem e para quem, assim como, sob quais circunstâncias tais ações aconteceram. Se o leitor consegue identificar os processos verbais – quem, para quem, com quem, onde, quando e como – dentro do texto e acima de tudo, se ele encontrar a resposta para tais elementos isso significa que a leitura aconteceu de forma proficiente e que esse leitor pode ser considerado um leitor maduro.

Mas de que forma a escola pode proporcionar ao aluno esse resultado? A linguística sistêmico-funcional em seus estudos sobre o verbo apresenta a transitividade deste que vai do sujeito para o paciente. Identificar o sujeito naquilo que se escuta ou se lê e compreender que a ação desse sujeito atingirá algo ou alguém – o paciente – permitirá a formação de um sujeito crítico que se apropria de sua língua para compreender o mundo que se lhe apresenta através de noticiários, filmes, documentários ou da literatura escrita.

Este trabalho foi desenvolvido tomando como principal aporte teórico a linguística Sistêmico-Funcional que tem em Halliday (2011) seu principal representante assim como as orientações contidas nos PCN (1988). A escolha do *corpus* voltada para textos literários equivale ao fato de que estes podem despertar no aluno o gosto pela leitura e a continuidade dessa prática. Porque é esta a forma primordial para que a cidadania seja exercida permitindo a humanização de cada sujeito leitor.

Compreender e dar sentido ao texto através do verbo: de onde vem essa ideia?

A Linguística Sistêmico-Funcional (doravante LSF) preocupa-se com o uso que fazemos da língua, como ela se desenvolve e como se representam as ideias e experiências dentro de um contexto a partir da interação entre seus participantes.

Barbara e Macêdo (2009, p. 90) defendem que ela "é caracterizada como uma teoria social porque parte da sociedade e da situação de uso para o estudo da linguagem". Pode-se dizer que tudo que envolve a língua apresenta uma função social, isso já estava contido nos livros antigos quando apresentou a frase que caiu no senso comum "a palavra uma vez pronunciada jamais será apagada". É por isso que a LSD procura "entender como se dá a comunicação entre os homens, a relação entre indivíduos e desses com a comunidade.". Partindo do pressuposto de que a comunicação é de suma importância para os indivíduos, por que estudar a língua em contexto isolado e não em sua forma mais sublime que é o

texto? Como seres humanos, nos comunicamos através de textos e é por eles que expressamos o que sentimos em relação ao mundo e nossas experiências.

Voltado para essa perspectiva, a LSF defende o estudo da língua através do texto sem deixar de lado a estrutura da mesma. Entenda-se por estrutura da língua o elemento essencial para que o texto possua significado e para produzir significado, são as escolhas do falante que fazem a diferença. São essas escolhas que determinam qual significado se pode dar ao texto. Dentro desse viés Barbara e Macêdo (*ibid*,. 2009, p. 91) afirmam o seguinte: "conforme as necessidades dos falantes em contextos específicos, são as escolhas no que tange às formas que expressam os significados desejados.". Ainda se pode acrescentar que língua é ação e todo texto apresenta intenções em seu discurso devido às escolhas feitas para expressar seus significados.

Os PCN (BRASIL, 1988, p. 52) em relação aos "processos de análise linguística" defendem que o aluno deve apropriar-se "dos instrumentos de natureza procedimental e conceitual necessários para a análise e reflexão linguística (delimitação e identificação de unidades, compreensão das relações estabelecidas entre as unidades e das funções discursivas associadas a elas no contexto)". Dessa mesma forma, a LSF se baseia especificamente no significado porque ela está estruturada em funções que Halliday (IN FUZER e CABRAL, 2010, p. 21) chama de "metafunções". Sendo estas "as manifestações, no sistema linguístico, dos propósitos que estão subjacentes a todos os usos da língua" dentre esses propósitos estão "compreender o meio (ideacional), relacionar-se com os outros (interpessoal) e organizar a informação (textual)". São as metafunções que dão significado ao texto e este significado varia de acordo com o contexto sociocultural ao qual ocorre a interação entre os falantes.

Essas três funções deixam claro a escolha do falante em relação ao seu discurso e quanto às escolhas linguísticas o que se está em pauta são as metafunções ideacionais que forma o perfil de alguém de acordo com o que o autor deseja repassar, quanto as interpessoais são as interações e os papéis assumidos pelos participantes de acordo com o modo verbal e a modalidade e as textuais são aquelas que estão ligadas ao fluxo de informações dentro do texto para dar coerência ao tema abordado.

A metafunção experiencial se manifesta no sistema de transitividade "que em seu sentido original, denota a transferência de uma atividade de um agente para um paciente" (CUNHA e SOUZA, 2011, p. 31), assim como ela também "não se manifesta apenas no verbo, mas na totalidade da oração, emergindo das relações estabelecidas entre os diversos elementos que a compõem". Tais relações são as que permitirão ao leitor identificar onde a ação aconteceu, por que, como, quando e por quem e quando o aluno realizar a leitura de textos escritos perceberá essas

relações e será "capaz de ler as entrelinhas, identificando, a partir do que está escrito, elementos implícitos, estabelecendo relações entre o texto e seus conhecimentos prévios ou entre o texto e outros textos já lidos.", como garantem os PCN (BRASIL, 1988, p. 70).

Como já pôde ser visto nos parágrafos anteriores, um dos fatores importantes para a compreensão textual na LSD é a relação dos verbos com os seus elementos que são definidos como "argumentos". Cunha e Souza (2011, p. 11) apresentam duas definições, a primeira "do ponto de vista da gramática tradicional – que propõe ser a transitividade uma característica típica do verbo" em seguida a definição "à luz da ótica funcionalista centrada na língua em uso". Ou seja, dentro de um texto tudo transita em torno do verbo sejam as ações, os espaços ambientais ou psicológicos e o tempo. Se o sujeito leitor identificar o verbo todo o texto será claramente compreendido, mas se acontecer o contrário – sendo este o maior obstáculo encontrado pelos professores de Língua Portuguesa seja nas modalidades de ensino fundamental ou médio – a compreensão textual estará totalmente comprometida.

A transitividade é um dos sistemas estudados pela LSF tendo em vista a sua definição "[...] o termo *sistêmica* refere-se às redes de sistemas da linguagem [...] o termo *funcional* refere-se às funções da linguagem, que usamos para produzir significados [...]" (CUNHA e SOUZ, 2011, pp. 24-25) o funcionalismo da língua é investigado através de "uma série de recursos para descrever, interpretar e fazer significados" (Idem, 2011, p. 25).

Ao longo dos anos escolares o aluno aprende que o verbo assume duas regências: transitiva quando o verbo vai além do contexto e se permite questionar o quê ou quem e lhe concede a denominação de transitivo direto. Aprende também que sua transitividade pode ser indireta caso haja uma preposição antes dos pronomes de interrogação: que ou quem. E quanto à sua segunda regência – intransitiva – ela não permite que a oração avance através do verbo porque este já tem um sentido completo dentro do contexto. Dessa forma, a gramática tradicional estuda o verbo intransitivo como uma ação finalizada. Se tomarmos, por exemplo, o verbo dormir – a criança dorme – nesse enunciado o verbo é intransitivo, mas no enunciado – a criança dorme com a mãe, pode ser percebida a transitividade de circunstância – com quem a criança dorme? Cunha e Souza (2011, p. 32) fazem a seguinte distinção entre verbos transitivos e intransitivos:

> Conforme a ideia tradicional de transitividade, um verbo transitivo é aquele que descreve uma relação entre dois participantes de tal modo que um dos participantes age sobre o outro. Um verbo intransitivo é aquele que descreve uma propriedade, um estado, ou uma situação que envolve apenas um participante.

Ao realizar uma análise mais aprofundada do primeiro enunciado, o leitor perceberá que o verbo dormir permite algumas inferências que devem ser realizadas pelo próprio leitor: onde ela dorme, como dorme, por que dorme? O que expressa a transitividade de um verbo é o fato de haver dois participantes: aquele que pratica a ação e aquele que recebe a ação. Um mesmo verbo pode ser transitivo (i) O professor ***lê*** o jornal Diário de Pernambuco – e intransitivo (ii) O professor ***lê.*** Neste caso apesar de estarmos diante de um verbo transitivo prototípico – aquele que representa uma ação sobre algo ou alguém – em (i) a ação de um agente - o professor – para um objeto paciente – o jornal, enquanto em (ii) o verbo é intransitivo prototípico, pois só percebemos o agente, não há um objeto paciente.

O sistema de transitividade, neste estudo, será abordado sob a perspectiva da LSF que diz ser tal sistema o responsável pela representação das nossas experiências, nossas ideias, lembranças, reflexões e coisas que acontecem no nível da consciência. O sistema de transitividade "permite identificar as ações e atividades humanas que estão sendo expressas no discurso e que realidade está sendo retratada". (CUNHA e SOUZA, 20011, p. 68). De acordo com a Linguística Sistêmica Funcional, as orações transitivas codificam experiências do tipo ***alguém faz algo a alguém = quem fez o quê a quem?*** Fuzer e Cabral (2014, p. 41) analisam que:

> Transitividade é, na GFS, um sistema de relação entre componentes que formam uma *figura*. Figuras são constituídas de um processo e participantes (quem faz o quê) e, eventualmente, de circunstâncias associadas ao processo (onde, quando, como, por que etc.). As figuras são diferenciadas conforme tipos gerais de classificação dos processos: figuras de fazer e acontecer, de sentir, de dizer, de ser e ter, de existir e de comporta-se. (grifo das autoras)

A Linguística Sistêmica Funcional define a transitividade em três principais papéis. Entre estes se encontram os processos que são os grupos verbais das orações, ou seja, as ações e experiências vividas pelos humanos, eles são então o núcleo da transitividade, e "representam eventos que constituem experiências, atividades humanas realizadas no mundo; representam aspectos do mundo físico, mental e social. Como são realizados tipicamente por verbos, a ideia de mudança perpassa a noção de processo". (FUZER e CABRAL, 2014, p. 41). A análise do corpus será o estudo do verbo para identificar de que forma ele se manifesta dentro do texto através do sistema de transitividade voltada para a abordagem da Linguística Sistêmico-Funcional. Além disso, levar-se-á em consideração o fato de as gramáticas tradicionais estudarem a transitividade como uma propriedade do verbo e que ao redor deste giram os sintagmas nominais e são estes elementos que lhe adicionam sentido ou não.

Há também os processos que para o sistema de transitividade são apresentados como os elementos responsáveis por codificar ações, eventos, estabelecer relações, exprimir ideias e sentimentos,

construir o dizer e o existir. Eles se realizam através de sintagmas verbais. Estes estão classificados em três tipos principais (CUNHA e SOUZA, 2011).

O primeiro é denominado "material" e "são aqueles que indicam ações de mudanças". Eles se referem à ação de "fazer" e pode ser compreendido "no seguinte exemplo: As crianças *compraram* doces". O objeto 'doce' sofreu a ação de ser comprado, portanto "a ação foi concluída e representa um agente" – a menina – "que modifica um objeto – os doces que foram comprados.".

O segundo processo é denominado "mental" e "se refere a experiência de mundo da consciência, o "sentir". Exemplo: Maria *gosta* de Luan Santana".

Quanto ao terceiro processo por estabelecer "relação entre entidades diferentes" é denominado "relacional". O verbo ser, no exemplo a seguir, é utilizado para atribuir a qualidade – excelente – ao sujeito "João *era* um excelente jogador de futebol.".

Esses processos são considerados os "processos principais", mas a LSF apresenta também os secundários que são verbais, existenciais e comportamentais (Idem, 2011).

O processo verbal se refere "ao dizer, comunicar" e como exemplo, apresenta o seguinte enunciado "O prefeito criticou a justiça brasileira – quem disse o quê? Quem comunicou o quê?". O processo existencial indica "algo que existe ou acontece." No exemplo a seguir há o acontecimento de um evento "A escola realizou os jogos interclasse." O evento foi o jogo na modalidade interclasses. Quanto ao processo comportamental, este é "responsável pela construção do comportamento humano. Exemplo: As crianças cantaram a noite toda.".

Além dos processos estão inseridos nos papeis principais da transitividade alguns elementos. O primeiro é o participante e está envolvido com os processos, de forma obrigatória ou não, que se realizam por meio de SNs. O segundo papel é o das circunstâncias que são as informações adicionais atribuídas aos diferentes processos, as quais se realizam por meio de advérbios ou sintagmas adverbiais. São eles que permitirão ao leitor identificar a extensão – espacial e temporal; de causa; de localização – tempo e lugar; de assunto; de modo e de papel; de acompanhamento. Na oração transitiva deve ter dois ou mais participantes para que aconteça a comunicação e para que a oração tenha significado. São esses significados que facilitarão a compreensão textual, por parte dos estudantes, nas aulas de língua portuguesa.

Metodologia

Diante do exposto analisamos três textos de gêneros diferentes. O primeiro texto intitulado "As maninganças de Dona Frozina" com autoria de Clarice Lispector apresenta o seguinte enredo:

> - Também com esse dinheiro mirrado...
>
> Isso é o que a viúva dona Frozina diz do montepio. Mas dá para ela comprar Leite de Rosas e tomar verdadeiros banhos com o líquido leitoso. Dizem que sua pele é espetacular. Usa desde mocinha o mesmo produto e tem cheiro de mãe.
>
> É muito católica e vive em igrejas. Tudo isso cheirando a Leite de Rosas. Como uma menina. Ficou viúva com vinte e nove anos. E de lá para cá – nada de homem. Viúva à moda antiga. Severa. Sem decote e sempre com mangas compridas.
>
> - D. Frozina, como é que a senhora arrumou sua vida sem homem?, quero lhe perguntar.
>
> A resposta seria:
>
> - Maniganças, minha filha, maniganças.
>
> Dizem dela: muita gente jovem não tem o espírito que ela tem. Está na casa dos setenta, a excelentíssima senhora dona Frozina. É sogra boa e ótima avó. Boa parideira que foi. E continuou frutificando. Eu queria ter uma conversa séria com d. Frozina.
>
> - Dona Frozina, a senhora tem qualquer coisa a ver com d. Flor e seus três maridos?
>
> - Que é isso, minha amiga, mas que pecado grande! Sou viúva virgem, minha filha.
>
> Seu marido se chamava Epaminondas, com o apelido de Moço.
>
> Olhe, d. Frozina, tem nomes piores do que o seu. Tem uma que se chama Flor de Lis – e como acharam ruim o nome, deram-lhe apelido pior: Minhoca. Quase minhoca. E os pais que chamaram seus filhos de Brasil, Argentina, Colômbia, Bélgica e França? A senhora escapou de ser um país. A senhora e suas maninganças. "Ganha-se pouco", diz ela, "mas é divertido".
>
> Divertido como, minha senhora? A senhora não conheceu então a dor? Foi driblando a dor pela vida afora? Sim, senhora, com minhas maninganças fuui escapando.
>
> D. Frozina não toma Coca-cola. Acha que é moderno demais.
>
> - Mas todo o mundo toma!
>
> - Eu é que não, cruz-credo! Parece até remédio contra bichas, Deus me livre e guarde.
>
> Mas se acha o gosto de remédio é porque já provou.
>
> D. Frozina usa o nome de Deus mais do que deveria. Não deve usar o nome de Deus em vão. Mas com ela não cola essa lei.
>
> E ela se agarra nos santos. Os santos já estão enjoados dela, de tanto ela abusar. De "Nossa Senhora" nem se fala; a mãe de Jesus não tem sossego. E, como vem do norte, vive dizendo: Virgem Maria" a cada espanto. E são muitos os seus espantos de viúva ingênua.
>
> D. Frozina rezava todas as noites. Fazia uma prece para cada santo. Aí aconteceu o desastre: ela adormeceu no meio.
>
> - D. Frozina, que coisa horrível a senhora cochilar no meio da rez deixando os santos à toa!
>
> Ela respondeu com um gesto de mão de descaso:
>
> - Ah, minha filha, que cada um pegue o dele.
>
> Teve um sonho muito esquisitinho: sonhou que via o Cristo do Corcovado – e cadê os braços abertos? Estavam era bem cruzados, e o

> Cristo enjoado como se dissesse: vocês que se arranjem, estou farto. Era um pecado esse sonho.
>
> D. Frozina, chega de maninganças. Fique com o seu Leite de Rosas e "io me NE vado". (É assim que se diz em italiano quando uma pessoa quer ir embora?)
>
> Dona Frozina, excelentíssima senhora, quem está farta da senhora sou eu. Adeus, pois. Cochilei no meio da reza.
>
> P.S. procure no dicionário o que quer dizer maninganças. Mas adianto-lhe o serviço: maningança – prestidigitação; manobra misteriosa, artes de berliques e berloques. (Do pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.)
>
> Um detalhe antes de acabar:
>
> D. Frozina quando era pequena, lá em Sergipe, comia acocorada atrás da porta da cozinha. Não se sabe por quê.

Identificamos, no texto, o **Verbo prototípico intransitivo** que é aquele que especifica uma ação. E mesmo que em sua definição a regência seja transitiva, eles aparecem como intransitivo. Em relação a esse fenômeno Cunha e Souza (2011, p. 33) afirmam que:

> [...] há uma diferença fundamental entre uma oração transitiva prototípica e uma oração intransitiva prototípica. Na primeira, o verbo é acompanhado de dois SN, um sujeito-agente que desencadeia a ação e um objeto paciente que é afetado por essa ação [...] na oração intransitiva prototípica, o verbo é acompanhado por apenas um SN sujeito [...].

O verbo transitivo prototípico denota a ação de um sujeito agente. No fragmento abaixo há um sujeito agente praticando a ação.

(i) Um detalhe antes de ***acabar:***

O verbo acabar é considerado transitivo, pois quem acaba, acaba algo. O complemento do enunciado seria - acabar o quê? – para um leitor maduro essa pergunta não passa despercebida, porém alguns leitores iniciantes não conseguirão dar sentido ao texto. Estes não perceberão que o narrador conversa com o seu leitor o tempo todo e que nesse momento ele está apenas comunicando que o texto já vai terminar.

A compreensão dos enunciados, dentro da perspectiva da transitividade, de acordo com a proposta da LSF, permitirá ao leitor aprofundar-se naquilo que o autor sugere. Outra transitividade identificada no texto e que pode ser analisada nos fragmentos abaixo é a ocorrência dos processos verbais: comunicar, apontar e expressar o dizer. Neste caso:

> Os participantes são chamados de: *Dizente,* participante inerente que diz, comunica, aponta algo; *Receptor,* participante opcional para quem o processo verbal se dirige; e *Verbiagem,* participante que codifica o que é dito ou comunicado. São realizados por verbos como *contar, falar, dizer, perguntar* [...] (CUNHA e SOUZA, 2011, pp. 74-75).

Vejamos como se dá a sua ocorrência no texto:

(ii) ***Dizem*** dela:
(iii) ... dona Frozina ***diz*** do montepio.
(iv) Ela ***respondeu*** com um gesto de mão de descaso:

Em (ii) o narrador assume a função de dizente, mas não explica ao seu receptor – o leitor – o que é que dizem dela, por isso o leitor também deve assumir a função de verbiagem, pois precisa decodificar o que o narrador pretende dizer a respeito da personagem. No fragmento (iii) o leitor mais uma vez assume duas funções – receptor e verbiagem. Será necessário inferir sentido ao que "dona Frozina diz" sobre o "montepio" e quanto ao (iv) o que não fica claro é "o que ela respondeu?" e para isso cabe ao leitor exercer a sua função de verbiagem, contextualizar a narrativa para inferir sentido ao enunciado.

A próxima análise tomou como *corpus* o texto "Uma vez" autoria de Monteiro Lobato inserida na sua obra "Reinações de Narizinho".

> Uma vez, depois de dar comida aos peixinhos, Lúcia sentiu os olhos pesados de sono. Deitou-se na grama com a boneca no braço e ficou seguindo as nuvens que passeavam pelo céu, formando ora castelos, ora camelos. E já ia dormindo, embalada pelo mexerico das águas, quando sentiu cócegas no rosto. Arregalou os olhos: um peixinho vestido de gente estava de pé na ponta do seu nariz.
>
> Vestido de gente, sim! Trazia casaco vermelho, cartolina na cabeça e guarda-chuva na mão – a maior das galantezas! O peixinho olhava para o nariz de Narizinho com rugas na testa, como quem não está entendendo nada do que vê.
>
> A menina reteve o fôlego de medo de o assustar, assim ficando até que sentiu cócegas na testa. Espiou com o rabo dos olhos. Era um besouro que pousara ali. Mas um besouro também vestido de gente, trajando sobrecasaca preta, óculos e bengala.
>
> Lúcia imobilizou-se ainda mais, tão interessada estava achando aquilo.
>
> Ao ver o peixinho, o besouro tirou o chapéu, respeitosamente.
>
> [...]

No fragmento (v) identificamos os **Processos materiais** que (CUNHA e SOUZA, 2011, p. 71-72) **"**são os processos do *fazer* que constituem ações de mudanças externas, físicas e perceptíveis [..] podem ter como participantes: ator" aquele que pratica a ação, "meta" para quem a ação é direcionada, "extensão" o participante que não é afetado pela ação, mas a complementa e "beneficiário" que é aquele que se beneficia. Em (v) os "peixinhos" são os beneficiários, "Lúcia" é o sujeito e "os olhos" representam o fenômeno.

(v) [...] depois de ***dar*** comida aos *peixinhos*
(vi) **Arregalou** *os olhos* (fenômeno)

Verificaremos abaixo a ocorrência de **Processos mentais** (CUNHA e SOUZA, 2011, p. 71-72). Eles são aqueles que "lidam com a apreciação humana do mundo. Através de sua análise é possível detectar que crenças, valores e desejos estão representados" no texto. Eles são também definidos como "os processos do *sentir*, os quais incluem processos de *percepção [...]*, de *afeição[...]* e de *cognição [...]*. Quanto aos **Processos comportamentais** (Idem, 2011, p. 75), eles "são os responsáveis pela construção de comportamentos humanos, incluindo atividades psicológicas [...], fisiológicas e verbais". Esses processos são tanto ação quanto sentimento. No fragmento (vii) se encontra o processo de percepção com o verbo sentir e no (viii) podem ser identificados os processos de percepção e cognição.

(vii) ***sentiu*** *os olhos pesados de sono* .
(viii) Deitou-se na grama com a boneca e *ficou seguindo as nuvens* que passeavam pelo céu, formando ora castelos, ora camelos. E já ia dormindo, embalada pelo mexerico das águas, quando **sentiu** *cócegas no rosto.*

O último texto analisado é uma tirinha de Maurício de Souza

Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados. 6716

Quanto à análise da tirinha, identificamos em (ix) o processo verbal uma vez que o verbo *xingar* se refere a ação do dizer e apresenta o participante Dizente – esse falante está representado pela personagem Mônica. O participante Receptor é Cebolinha, pois é para ele que a mensagem é dirigida. Em (x) há a ocorrência do processo material através dos verbos *dar* e *bater*, tendo em vista esses verbos indicarem o fazer e o acontecer. Seus participantes são representados como Ator que é Mônica, pois pratica a ação e a Meta – Cebolinha – porque recebe a ação.

(ix) Cebolinha, se você parar de me **xingar**...,
(x) Eu não **bato** em você e ainda lhe **dou** um beijo.

No fragmento (ix) a transitividade do verbo xingar pode não ser percebida por um leitor imaturo – no caso do ensino fundamental - pelo fato de a frase terminar em reticências e o aluno não perceber que o complemento desse verbo é o pronome obliquo "me". O verbo xingar pede o

complemento “quem” ou “o quê?”. Assim como a bitransitividade do verbo dar – dar o quê? A quem? Novamente o complemento é um pronome obliquo “lhe”.

Conclusão

Algumas pessoas consideram a língua portuguesa uma disciplina difícil de aprender enquanto outros acreditam que saber conjugar verbos e conhecer as escolas literárias são os recursos suficientes para exercer tal função. Por meio deste artigo, pôde ser observado o quanto é importante desenvolver o ensino da língua através de uma nova perspectiva de seu uso. Mas esse trabalho só foi possível através das abordagens de aprendizagens defendidas pela Linguística Sistêmico-Funcional.

Entre as abordagens, o que se percebeu foi que aquelas consideradas tradicionais não geram os resultados desejados pelos educadores, principalmente se o objetivo de ensino é que os estudantes desenvolvam suas habilidades de leitura e escrita. Por isso é necessário que a escola tenha em mente que o trabalho com a língua vai além de decorar regras e fazer exercícios repetitivos, porque estes não oferecem condições de aprendizagem.

A ideia para desenvolver este projeto surgiu ao percebermos que a compreensão textual do aluno apresentava maior índice de dificuldade quando este não conseguia identificar sequer as ações dos personagens, em leituras de textos literários. Ou identificar o espaço e o tempo de uma ação por não dar continuidade sequencial ao texto, tendo em vista não identificar sequer o verbo.

É importante mostrar o quanto a teoria da LSF vem permitir que se inicie uma nova etapa nas práticas de ensino da língua portuguesa, mesmo que o novo já estivesse presente antes, mas não era percebido ou valorizado. Esta afirmativa se deve às fichas de leitura que permearam o ensino dessa disciplina nas décadas de 60 a 90 e que são tão criticadas por novos teóricos. Mas se observá-las com outro olhar, o que se vai perceber é que todas as questões ali presentes para a compreensão textual estão voltadas para o verbo, tais como: O que aconteceu? Quando? Como? Onde? Com quem? Mas naquele momento, verbo era apenas um léxico que apresentava as conjugações e os tempos a serem memorizados sem funcionalidade para o dia a dia.

O que buscamos apresentar aqui foi uma nova abordagem do trabalho com a língua através de orientação Sistêmico-Funcional assim como que o sistema de transitividade vai muito além das regras conhecidas e explicitadas em gramáticas normativas da língua.

Referências Bibliográficas

BARBARA, Leila; MACÊDO, Célia Maria Macêdo de. *Linguística Sistêmico-Funcional para a Análise de Discurso um Panorama Introdutório*. Cadernos de Linguagem e Sociedade, v. 10, n. 01, 2009.

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** terceiro e quarto ciclo do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa/Secretaria do Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da; SOUZA, Maria Medianeira. *Transitividade e seus contextos de uso*. São Paulo: Cortez, 2011.

FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. *Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em Língua Portuguesa.* 1. Ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2014.

LISCPECTO, Clarice. Onde estivestes de noite. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

LOBATO, MONTEIRO. **Uma vez.** In: Reinações de Narizinho – volume I. São Paulo: Globo, 2007. Pag. 13.